

## A criança na estrutura enunciativa

*Carmem Luci da Costa Silva*

**Resumo:** *Dans cet article, j'ai comme objectif d'expliciter des aspects théoriques et méthodologiques liés à la perspective énonciative d'Acquisition du langage. Pour autant, l'étude proposée dialogue avec deux champs du savoir : la Linguistique de l'énonciation et l'Acquisition du langage. À partir de principes qui guident une conception énonciative dans Acquisition du langage, sont analysés trois découpages énonciatifs, obtenus de données longitudinales d'un enfant accompagné entre ses onze mois jusqu'à trois ans et quatre mois. Dans les découpages, sont soulignés les modes par lesquels l'enfant trouve sa place dans la structure énonciative et établit un rapport entre forme et sens pour faire référence dans le discours. L'étude montre que l'enfant, considéré je, se déplace dans une structure énonciative, qui comporte le tu (autre), le il (langue) et le IL (culture), étant constituée par la langue-discours en même temps qui la constitue.*

**Palavras-chave:** *oralidade; enunciação; intersubjetividade.*

### 1. Introdução

Neste artigo, tenho como objetivo explicitar aspectos teórico-metodológicos relacionados à perspectiva enunciativa de Aquisição da Lin-

---

Carmem Luci da Costa Silva é professora de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS e professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

guagem. Por isso, o estudo proposto dialoga com dois campos de saber: o de Linguística da Enunciação e o de Aquisição da Linguagem. Nesse sentido, o desafio que venho enfrentando é o de trazer para o campo *Aquisição da Linguagem* um olhar enunciativo para tratar a fala da criança e, para o de *Enunciação*, a aquisição da linguagem como objeto de estudo. Com a concepção de que os saberes são complementares, busco constituir a base de sustentação do diálogo que estrutura a relação entre o campo da *Enunciação* e o de *Aquisição da Linguagem*. Falo aqui em complementaridade no sentido de que a *Linguística da Enunciação* possibilita a produção de um saber para o campo *Aquisição da Linguagem* do mesmo modo que a linguagem da criança interroga o campo da *Linguística da Enunciação*. Esse diálogo, a meu ver, permite a constituição de um novo saber para os dois campos, já que não é possível simplesmente fazer uma aplicação da Teoria da Enunciação aos dados da criança. E aí ousou enunciar princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem para, a partir de tais princípios, analisar a fala da criança.

Início este texto problematizando o sintagma “aquisição da linguagem”. Nessa problematização, não vou questionar a adequação do termo “aquisição” no sintagma como muitos já o fizeram a partir de diferentes concepções, pois, como terminologia científica, considero o sintagma como termo já instanciado simbolicamente tanto na Psicologia quanto na Linguística e na Psicolinguística. Na verdade, parto da seguinte indagação já presente em Silva (2007; 2009): a que remetem os termos *aquisição* e *linguagem* no sintagma *aquisição da linguagem*? Em outras palavras: o que podem significar tais termos no contexto de nomeação da unicidade do campo *Aquisição da Linguagem*? O ponto de vista que assumo põe em relevo nesse sintagma dois aspectos: 1º) o complemento “da linguagem”, explícito no sintagma, sob a forma de um restritivo (trata-se de aquisição da linguagem e não de outro sistema qualquer) e 2º) o sintagma tal como se lê implica um sujeito (trata-se de aquisição da linguagem por um sujeito). A união desses aspectos coloca em relevo *linguagem e sujeito*.

Justamente por estar implicado no sintagma *linguagem e sujeito* é que procurei, para explicar o fenômeno de adquirir linguagem pela criança, uma linguística que comporte questões de *língua, linguagem e sujeito*. Essa procura me levou ao encontro da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste, e, ao me deparar com a Linguística da Enunciação, perguntei-me: 1) O que a Linguística da Enunciação tem a dizer sobre esse fenômeno tão instigante e curioso, que entusiasma leigos no assunto, pais e estudiosos de diferentes campos do conhecimento (Linguística, Psicologia, Psicanálise, Fonoaudiologia etc.), que é o da passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna?; 2) O que diferencia uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem de outras perspectivas que explicam a passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna?

Para responder a essas questões, trago, em um primeiro momento, as principais questões ligadas a essa perspectiva de estudo da linguagem para, em um segundo momento, refletir sobre o que apontam alguns dados de uma criança acompanhada dos onze meses aos três e quatro meses.

## 2. Enunciação e aquisição da linguagem

A linguagem da criança tem sido meu tema de pesquisa há alguns anos. Ao estudar criança por criança em dados coletados transversalmente, defrontei-me, de um lado, com a repetibilidade das mudanças operadas pela criança em sua relação com a língua, de outro, com a singularidade do dizer que escapava desse repetível que possibilita a explicação em termos de regularidade e de generalidade.

As pesquisas que apresentei em Silva (1996, 2000, 2001, 2002) valem-se de questões desenvolvidas pela Teoria da Argumentação na Língua para explicar as manifestações linguísticas da criança. Essa investigação pode ser dividida em três momentos: exploração da *polifonia* nos desdobramentos da figura enunciativa de *locutor* (DUCROT, 1984/1987); tratamento da *polifonia* com a exploração da figura de *enunciador*, relacionando a *Teoria da Polifonia* com a *Teoria dos Topoi* (DUCROT, 1989), e verificação da argumentação na fala infantil a partir da *Teoria dos Blocos Semânticos* (CAREL, 1995, 1997, 1998, 2002; DUCROT, 2002).

Em todos esses estudos, divido as crianças conforme as suas faixas etárias, descrevendo o *sentido dos enunciados*, através das relações argumentativas neles inscritas. Seguindo Ducrot, Carel e colaboradores, que tratam das marcas da argumentação nos enunciados, nos segmentos de enunciados e mesmo nas palavras, procurei mostrar a posição do *locutor*, enquanto responsável pelo acontecimento enunciativo. Nesse sentido, explorei os aspectos enunciativos da Teoria da Argumentação na Língua por meio das indicações argumentativas inscritas nos *enunciados/segmentos/palavras*, que trazem as posições do *locutor* e possibilitam a continuidade de sentidos pelo *alocutário*.

Foi precisamente nos trabalhos desenvolvidos no interior dos projetos de pesquisa *Um estudo polifônico da linguagem da criança* e *Um estudo polifônico da linguagem da criança – fase 2<sup>1</sup>* que me deparei com o *singular* no interior do *regular*, pois alguns dados escapavam à explicação no quadro da Teoria da Argumentação na Língua. À medida que avançava nas observações da fala da crian-

<sup>1</sup> Pesquisas desenvolvidas junto à UFRGS com o apoio da FAPERGS, através da concessão de bolsa de Iniciação Científica à aluna Maira Azevedo e Souza, que me auxiliou no desenvolvimento das referidas investigações.



ça, algumas questões me inquietavam, e foi precisamente o dado de Franciele (1;8.10) que me fez repensar a explicação empreendida acerca do dizer da criança:

*Episódio:* Franciele (1;8.10)

*Situação:* Franciele usava a expressão de xingamento “droga” sempre que algo não dava certo em suas brincadeiras, o que a mãe seguidamente reprendia. Certo dia, a criança estava brincando com a mãe por perto e algo deu errado em sua brincadeira.

\*FRA: ó ...  
 \*MÃE: Franciele [!]  
 \*com: a mãe repreende.  
 \*FRA: doguinha. (= droguinha)<sup>2</sup>

No episódio acima, se for considerado somente o segmento da criança, vemos que ele se realiza em dois turnos, atualizando a palavra “droguinha”. Levando em conta Ducrot (1995, 2002), analisei apenas o dizer da criança, através da verificação do funcionamento do diminutivo como um *modificador*, porque, com esse uso, a criança atenua a argumentação da palavra “droga”. Entretanto, o interessante nesse dado é que a criança reorganiza o seu encadeamento devido à fala do “outro” (mãe). Isso mostra que ela escuta a fala do “outro” como repreensão, o que desencadeia a mudança em sua argumentação. A análise desse dado encaminhou-me a perceber a necessidade de examinar nos dados não somente as marcas argumentativas presentes nos enunciados, mas os elementos implicados no ato de utilização da língua, principalmente os sujeitos.

De fato, a presença do sujeito no enunciado e sua não-unicidade tem sido uma de minhas inquietações através do tratamento polifônico da fala da criança, conforme a abordagem enunciativo-argumentativa de Ducrot. Contestando o fato de que o sujeito que enuncia seja único, o autor produz a Teoria da Polifonia, com a qual mostra que o autor do enunciado apresenta nele vários sujeitos com diferentes funções: o *sujeito falante* (produtor físico), o *locutor* (responsável pelo enunciado) e os *enunciadores* (origens de pontos de vista). Nessa perspectiva, os *enunciadores* argumentam, visto que, em relação a eles, o locutor assume diferentes atitudes (de concordância, de identificação, de discordância etc.) para constituir a sua própria argumentação. Assim, na concepção de enunciação de Ducrot, não interessa o produtor do enunciado, mas o sentido por ele produzido. Isso porque a enunciação é definida como o apare-

<sup>2</sup> O dado de Franciele foi obtido a partir de um relato de sua mãe. Na transcrição, adoto a seguinte convenção FRA= Franciele; \*com=comentário do transcritor; [!]= ênfase; ...= enunciado interrompido.

cimento do enunciado, não como ato de um sujeito. Essa análise do sentido é feita através de marcas linguísticas, uma vez que, como atesta Ducrot (1997/2005), o lingüista, ao descrever palavras, descobre nelas indicações relativas à sua “possível” enunciação. É a partir das palavras escritas ou pronunciadas que a enunciação e seu contexto devem ser caracterizados, uma vez que, para o autor, somente se pode dizer alguma coisa considerando o próprio enunciado, que desenvolve uma imagem de sua própria enunciação. Com isso, ele procura desinformatizar a língua e extinguir a divisão, no sentido do enunciado, entre os aspectos objetivo e subjetivo, porque os enunciados não dão acesso direto à realidade, não a descrevem diretamente, visto que, se nós descrevemos a realidade (aspecto objetivo), fazemos isso por meio de uma atitude (aspecto subjetivo) e de um chamado ao interlocutor (aspecto intersubjetivo). Dessa forma, Ducrot unifica os aspectos subjetivo e intersubjetivo no que chama de “valor argumentativo” das palavras na língua.

Mesmo que Ducrot inclua a subjetividade e a intersubjetividade nos valores argumentativos instaurados no emprego da língua, senti a necessidade de examinar os elementos implicados no ato de utilização da língua, o que me impôs buscar outro olhar enunciativo para explicar a fala da criança. Por isso, o encontro com o trabalho de Émile Benveniste permitiu-me fazer a passagem de uma concepção de enunciação ligada ao produto (enunciado) para uma concepção de enunciação que contempla o processo, possibilitando-me constituir uma reflexão teórica enunciativa em Aquisição da Linguagem para tratar da *intersubjetividade* inerente à colocação da língua em funcionamento. De fato, em Émile Benveniste, conforme aponto em Silva (2007;2009), é possível serem vislumbradas diferentes instâncias de intersubjetividade, que são simultaneamente constitutivas dos sujeitos envolvidos no ato de enunciação: uma *relação homem/homem* imersos na cultura, na qual considero a presença de uma *intersubjetividade cultural*; uma *relação locutor/alocutário*, na qual, segundo meu ponto de vista, aparece uma *intersubjetividade da alocação ou dialógica* e uma *relação eu-tu* expressa pelas formas de pessoa no discurso, constituindo o que nomeio de *intersubjetividade lingüístico-enunciativa*.

Com efeito, quando a criança começa a utilizar a linguagem, o mundo que a rodeia já está nomeado, o que é corroborado pelas palavras de Benveniste, quando diz que não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a; jamais o vemos reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem.” (BENVENISTE, 1966/1995, p. 285). As reflexões sobre linguagem, cultura e sociedade, permitem a esse teórico da enunciação tematizar a aquisição da linguagem, embora essa questão não seja tema central de seu estudo, conforme pode ser visto na passagem seguinte:



A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem (BENVENISTE, 1966/1995, p. 31).

Concebendo que todo o mecanismo da cultura possui um caráter simbólico, o autor defende ser a ação sobre a língua “a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária” (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 24). Nesse sentido, considera que a criança apreende não uma faculdade “natural” de linguagem, mas o mundo do homem. Assim, a apropriação da língua está ligada ao conjunto de dados que ela traduz, visto tudo ser domínio do sentido.

Da Aquisição da Linguagem como *tema* de reflexão no quadro enunciativo de Émile Benveniste, passei a tomar a Aquisição da Linguagem como *objeto* de estudo. Fazer essa passagem implicou deslocar os princípios do ato enunciativo propostos pelo autor para a aquisição da linguagem, concebida neste estudo também como ato.

Essa travessia iniciou no momento em que as questões, sempre presentes no campo *Aquisição da Linguagem*, foram lançadas para o campo da *Linguística da Enunciação* no Colóquio “Leituras de Émile Benveniste” em 2004: Como uma teoria enunciativa concebe a aquisição da linguagem? Como tratar os dados em uma perspectiva enunciativa? Pode-se ter uma concepção desenvolvimentista, dividida em fases ou estágios, para tratar a relação da criança com a língua/linguagem em uma perspectiva enunciativa?

A primeira resposta foi dada por Benveniste (1974/1989, p. 23, 24): “o homem não nasce na natureza, mas na cultura”. E ainda: “a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens” (BENVENISTE, 1966/1995, p. 31). A passagem da resposta de Benveniste à explicação do fenômeno “aquisição da linguagem” no interior de uma perspectiva enunciativa envolveu um fazer ligado a dois compromissos do campo *Aquisição da Linguagem* desde a sua gênese: o compromisso com o teórico (o ponto de vista interno da pesquisa) e o compromisso com o empírico (a fala da criança).

A perspectiva enunciativa de Estudos da Linguagem segue os “rastros” deixados por Saussure e os estruturalistas que lhe seguiram. Numa concepção estruturalista, o objeto de estudo é a língua, enquanto sistema organizado de relações internas, com exclusão daquele que a utiliza. Em Benveniste, há uma preocupação com a constituição da subjetividade, através da intersubjetividade,

já que “...a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem (...) a linguagem exige e pressupõe o outro” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 93). Essa preocupação com a linguagem como modo de ação e, conseqüentemente, como atividade dialógica, em que “eu não emprego um *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha alocação um *tu*” (BENVENISTE, 1966/1995, p. 286) permite a esse teórico deslocar-se do estudo de um sistema abstrato para enfocar a língua em ação. Ao trazer um modo de análise da enunciação, no qual os interlocutores referem e co-referem para produzirem sentidos aos elementos da língua, o autor possibilita-me explicar a inserção da criança como sujeito enunciativo na linguagem, visto que a apropriação da linguagem pela criança ocorre pelo uso e, sobretudo, pela relação com o “outro”, lugar em que é constituída pela estrutura linguística e se constitui como sujeito.

Mas o que é enunciação para Émile Benveniste? A *enunciação*, para o autor, é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 82). Por isso, propõe-se a observar na estrutura enunciativa: a) o próprio ato; b) as situações em que ele se realiza e c) os instrumentos de sua realização. Com relação ao *ato*, considera a figura do *locutor* como elemento necessário da enunciação, que, ao produzir referências no discurso, instaura um *alocutário*, explícito ou implícito. Com relação à *situação*, concebe que a enunciação expressa uma certa relação com o mundo. A condição dessa mobilização e dessa apropriação é, para o *locutor*, a necessidade de *referir* pelo discurso e, para o *alocutário*, a de *co-referir*. Com relação aos *instrumentos* de realização da enunciação, traz os elementos lingüísticos que situam aquele que fala em sua própria fala: marcas de pessoa, tempo e espaço.

Essa concepção enunciativa prevê na linguagem: 1) a possibilidade de atualização intersubjetiva; 2) o sistema de referências e 3) os valores culturais constitutivos do ato de enunciar. Tal concepção é o que me permite constituir um dispositivo enunciativo, definido aqui como (*eu-tu/ele*)-*ELE*, como constitutivo do ato de aquisição da linguagem, porque comporta os sujeitos da enunciação (*eu* e *tu*), a língua (*ele*) e o sistema cultural (*ELE*). Esse dispositivo trinitário, que considero constitutivo do ato de enunciação, também o é do ato de aquisição da linguagem. Com tal ferramenta teórica, tenho procurado tratar das relações diádicas da enunciação e da aquisição – a de conjunção implicada no caráter de pessoa de *eu* e de *tu*, a de disjunção implicada na constituição do *eu* como pessoa subjetiva e de *tu* como pessoa não-subjetiva e a de disjunção pessoa (*eu-tu*) e não-pessoa *ele*. Essas relações fazem parte das estruturas trinitárias *eu-tu/ele* e (*eu-tu/ele*)-*ELE*, já que estas são constitutivas daquelas. Através dessas relações, mostro como a criança se instancia no funcionamento referencial e intersubjetivo da linguagem.

Assim, esse dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE* tem-me possibilitado



tratar de um sujeito de aquisição da linguagem como marcado no discurso e anunciar a possibilidade de considerar, nesses traços de atividade do locutor, o sujeito que se enuncia. Como a Linguística da Enunciação não apresenta uma teoria do sujeito, mas das representações do sujeito, resalto que não produzo explicações sobre o suposto conteúdo comunicacional de um indivíduo biopsicossocial que utiliza a linguagem como instrumento de comunicação. Nesse caso, considero o sujeito como constituído pela linguagem e destituído de intencionalidade.

A consideração dessa noção de sujeito contempla um ponto de vista exterior à própria Linguística da Enunciação. Benveniste, ao apresentar princípios teóricos e não um modelo de análise, possibilita não somente originar modelos de análise a partir de suas reflexões, mas também abertura para a convocação de um exterior teórico à Linguística. Eis outro motivo por que busco inspiração em Benveniste: tratar do sujeito marcado no discurso e, além disso, anunciar a possibilidade de convocar um exterior teórico, para refletir sobre o sujeito da enunciação. Nesse sentido, o dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE* permite a consideração destes dois aspectos: um interior à Linguística da Enunciação (*eu-tu/ele*) e um que abre a possibilidade para a convocação de um exterior teórico à Linguística da Enunciação, por meio do *ELE*, o que justifica a formulação (*eu-tu/ele*)-*ELE*. O ponto de vista exterior à Linguística da Enunciação aparece em nosso estudo de maneira indireta, via estudo de leitores da obra de Benveniste: Normand (1996), Flores (1999) e Dufour (2000). De fato, esses autores concebem que o estudo da enunciação proposto por Benveniste apresenta abertura para a convocação de um exterior teórico, a Psicanálise Lacaniana, que considera o sujeito como efeito de linguagem. Na verdade, o dispositivo (*eu-tu/ele*)-*ELE* possibilita, de um lado, por meio de *eu-tu/ele*, a descrição da enunciação como *ato* (relações enunciativas) e como *discurso* (constituição referencial e intersubjetiva por meio de marcas formais); de outro lado, a consideração de um sistema de relações e valores culturais, inscritos no *ELE*, como *instância constitutiva* do ato de enunciar não descrita lingüisticamente. Assim, por meio da relação de *alteridade* com *ELE* (cultura), considero que a criança está na dependência de um *outro*, constituindo-se como sujeito de aquisição como efeito de linguagem.

Como já enunciado, inscrever a aquisição da linguagem como objeto de estudo nos quadros da Linguística da Enunciação requer levar para o campo *Aquisição da Linguagem* respostas às questões que lhe são constitutivas: Como a criança adquire a linguagem? Como ocorre a passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna? Essas questões têm me encaminhado a pensar nos aspectos metodológicos relacionados a uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem, tais como a unidade de análise, as questões de sincronia e de diacronia ligadas à noção de estágio, a relação língua (estrutura regular, geral e repetível) e enunciação (estrutura irregular, única e irrepetível).

No próximo item, trago as reflexões que tenho produzido sobre tais questões.

### 3. A criança entre a estrutura da língua e a estrutura da enunciação

Concebendo as atividades discursivas da criança como vinculadas às relações intersubjetivas nas quais suas produções são concebidas como dizeres veiculadores de sentido para o outro, acredito ser o diálogo a instância de discurso em que a criança se apresenta como *eu* e define, ao mesmo tempo, o outro como *tu*, constituindo, nesse espaço, referências para um mundo já construído. A criança insere-se em um mundo onde a língua já está instituída, em um mundo já falado e falante (KARNOUOH-VERTALIER, 1998), mundo esse que possui as categorias do pensamento delimitadas e organizadas pelas categorias da língua (BENVENISTE, 1966/1995). Por isso, considero que uma metodologia enunciativa para aquisição da linguagem precisa estar ancorada no princípio de *intersubjetividade*, tal como aqui definido, constitutivo da natureza da linguagem. É nesse lugar intersubjetivo que inicia a trajetória da criança como sujeito falante de sua língua materna, já que adquire linguagem com a presença de um outro que a torna sujeito dessa aquisição.

Assim, a análise em aquisição, numa perspectiva enunciativa, não pode considerar apenas o enunciado da criança, mas o *diálogo*, em que *eu-tu* são olhados não como papéis reversíveis na interação, mas como instâncias de funcionamento lingüístico-discursivo, uma vez que o modo como cada *locutor* apreende a língua e instaura o *alocutário* no momento “presente” parece ser definidor da *apreensão* em outro “presente” (o depois).

Além da unidade de análise, outra questão com a qual tenho me defrontado nessa busca de explicação da passagem da criança de não-falante a falante numa perspectiva enunciativa diz respeito à concepção de como ocorre esse processo. Isso porque a perspectiva lingüística aqui assumida é sincrônica, enquanto as pesquisas em aquisição buscam explicar o desenvolvimento lingüístico ou a maturação lingüística da criança através de estágios, que privilegiam o aspecto diacrônico da língua. Como uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem explica a passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna? Essa questão também foi formulada pelo mestre da enunciação: “Cada locutor fabrica a sua língua, como ele fabrica? Esta é uma pergunta essencial, já que ela domina o problema da aquisição da linguagem” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 19). Ora, para Benveniste (1974/1989, p. 85), o único meio de o homem viver o “agora” e de torná-lo atual é realizando-o pela inserção do discurso no mundo. Desse modo, o presente formal não faz senão explicitar o presen-



te inerente à enunciação, que se renova a cada produção do discurso, delimitando por referência interna o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. Isso nos encaminha a explicar a aquisição da linguagem não como evolução, conforme uma *perspectiva desenvolvimentista*, mas como uma *apreensão*, visto a criança, ao mesmo tempo em que constitui a língua com o “outro”, ser constituída pela *estrutura* da língua, em que cada ato de enunciação, ao inserir seu discurso no mundo, é marcado por uma nova relação com a “língua” e com o “outro”. Dessa maneira, cada discurso enunciado pela criança na *sincronia* traz, simultaneamente, a *diacronia*.

Nesse sentido, não considero as noções de *sincronia* e *diacronia* como “um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 1916/2000, p. 96). De fato, para Saussure, há duas linguísticas, uma evolutiva e outra estática, sendo a primeira responsável pelo estudo dos fatos da língua em sua co-existência, excluindo a intervenção do tempo, e a segunda pelo estudo da sucessão e transformação de determinado fato da língua no eixo do tempo. Por isso, define como “sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo o que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 96). Na verdade, para Saussure, “tudo quanto seja diacrônico na língua, não é senão pela fala” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 115), já que é na fala que se encontra “o germe de tôdas as modificações” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 115). Desse modo, um fato de evolução é sempre precedido de uma multidão de fatos similares na esfera da fala; a forma, fato de fala, por ser repetida e aceita pela comunidade, torna-se um fato de língua. No entanto, estou me valendo das noções de *sincronia* e de *diacronia* numa concepção enunciativa, porque não vinculadas à homogeneidade do sistema, mas à singularidade do sujeito. Por isso, concebo a *sincronia* como a atualidade do discurso, o tempo em que “eu” fala a “tu” (cf. DUFOUR, 2000, p. 86), já que continuidade e temporalidade, conforme Benveniste (1974/1989), engendram-se no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. Esse presente, para o autor, renova-se a cada produção de discurso e, a partir deste presente contínuo, imprime, no locutor, o sentimento de uma continuidade. Nesse sentido, quando falo *sincronia* estou me referindo a esse presente inerente à enunciação e *diacronia* como essa renovação de que fala Benveniste a cada produção de discurso.

Dufour (2000), também, ao apresentar uma reflexão centrada na estrutura trinitária *eu/tu/ele*, discute as noções de *sincronia* e de *diacronia*. Retomando Benveniste, o autor reitera que o marco temporal do discurso é interior ao discurso, mas que essa interioridade somente pode ser estabelecida com relação a uma exterioridade, já que, para que *dois* estejam *aqui* e *no agora* co-presentes, é necessário e suficiente que outro esteja *lá*, ausente. Assim, toma como

objeto a estrutura trinitária *eu-tu/ele*, nomeando-a como *trindade da língua natural*, porque imanente ao ato de falar e inscrita em nossa condição de ser falante. Para tratar do uso espontâneo da linguagem, produz o que nomeia de um superaxioma, a saber: “*Eu e tu falamos d’Ele*”. A partir disso, concebe a unidade mínima de interlocução como constituída de uma série de três alocações, observando que o grupo *eu-tu-ele* traz, além da simultaneidade (*sincronia*), a consecutividade (*diacronia*). Isso porque tal conjunto sincrônico tem, como equivalente diacrônico, a sucessão das seguintes alocações: A1 (alocução anterior), A2 (alocução atual) e A3 (alocução posterior). Nesse sentido, o “eu” fixa as referências da alocação atual; o “tu”, aquele da alocação atual, dirá “eu” na próxima e o “ele” da alocação atual dizia “eu” na precedente. Isso é o que ele chama de uma seqüência ternária, em que o “eu” que fala somente obteve sua posição de *locutor* atual por ter sido *alocutário* na precedente.

O encontro com a argumentação de Dufour também se tornou para mim um elemento de reflexão importante acerca da aquisição da linguagem, uma vez que a identificação da natureza das mudanças que ocorrem na fala da criança e que marcam aspectos de sua trajetória de falante em sua língua materna parece estar vinculada à observação da criança na estrutura enunciativa trinitária *eu-tu/ele* em muitas seqüências ternárias. Nesse sentido, parece-me ser no movimento da enunciação para a língua e da língua para a enunciação que o sujeito da aquisição da linguagem instaura-se no funcionamento referencial e intersubjetivo da linguagem.

Mas como se dá esse movimento? A afirmação de Benveniste (1974/1989, p. 18) de que “todo homem inventa a sua língua e a inventa durante toda a sua vida” permite-me pensar que todo homem está desde sempre mudando sua relação com a língua, e que o desenvolvimento da linguagem não é próprio da criança. Neste caso, tanto o locutor (criança) quanto seu alocutário estão em uma estrutura de enunciação em que ambos se modificam. No entanto, mesmo que se considere que, a cada ato de enunciação, todo homem modifica sua relação com a língua, não podemos deixar de considerar o fato de que, na aquisição da linguagem, não ocorre somente uma modificação, mas a passagem de uma ausência para uma presença de língua, presença essa que parece não ocorrer de modo instantâneo. Pode uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem tratar a mudança de relação criança com a linguagem em estágios e fases? Parece-me que *não*, já que a própria noção de enunciação impossibilita conceber a repetibilidade e a generalidade, fenômenos que, de certa forma, sustentam a noção de estágio<sup>3</sup>. De fato, para que se diga que a criança está em

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que não pretendo com essa reflexão sobre o aspecto desenvolvimental da linguagem no processo de aquisição da linguagem em uma abordagem enunciativa desconstruir as perspectivas de aquisição da linguagem que consideram o desenvolvimento lingüístico na criança,



determinado estágio, torna-se necessário levar em conta a recorrência de formas e mecanismos da língua, assim como a presença de tais formas e mecanismos em outras crianças de faixa etária semelhante.

A enunciação situa-se no terreno da irrepetibilidade, já que, a cada vez que a língua é enunciada, o tempo (agora), o espaço (aqui) e as pessoas (*eu* e *tu*) são únicos e singulares. Por isso, uma análise enunciativa não generaliza os seus resultados, porque a especificidade do tempo, do espaço e dos sujeitos aí incluídos permite conceber o que há de singular na aquisição da linguagem para o sujeito em questão. O que se pode defender é a existência de operações gerais no ato de aquisição da linguagem, nas quais se inscrevem os movimentos singulares de cada criança. Em Silva (2007;2009), aponto três operações gerais, no interior das quais a criança realiza movimentos, que não estão numa dependência cronológica, mas lógica. De fato, a operação que nomeio de *preenchimento de lugar enunciativo* é condição para a criança instanciar referência no discurso (segunda macrooperação) e inscrever-se enunciativamente no discurso (terceira macrooperação). Cada macrooperação aponta, a meu ver, mudanças que acredito serem gerais no ato de aquisição da linguagem: na primeira, ocorre a *passagem do preenchimento de lugar enunciativo a partir do outro para o reconhecimento do efeito que esse lugar provoca no outro*; na segunda, a *passagem da referência mostrada para a referência constituída no discurso* e, na terceira, a *passagem de um uso discursivo da linguagem para um uso em que a enunciação constitui outra enunciação*.

Mesmo que essas passagens ocorram no tempo, cada uma está ligada a movimentos de anterioridade/posterioridade em uma dependência lógica, não cronológica. Embora possamos prever esses deslocamentos como constitutivos de toda criança na estrutura da enunciação, acredito que o modo como cada criança realiza esses deslocamentos seja particular, porque cada ato de aquisição da linguagem põe em cena a singularidade de cada sujeito na estrutura da enunciação, em que os sentidos e formas produzidas constituem-se no próprio ato. É a enunciação produzindo língua sempre, já que os sentidos produzidos por *eu* e por *tu* no *aqui* e *agora* (nível semântico) convertem as formas enunciativas em formas da língua (nível semiótico). Metaforicamente, podemos perceber a existência de uma fábrica, já que a enunciação parece comportar uma espécie de “engrenagem”, em que as peças da língua, dispostas em simultaneidade, são reinventadas pelo locutor (criança) a cada vez que se enun-

pois cada teoria forja seu instrumental metodológico e constitui sua explicação para o fenômeno que focaliza. Com isso, quero dizer que, em determinados constructos teóricos de aquisição da linguagem, a noção de desenvolvimento é relevante e defensável. Coisa bem diferente ocorre em uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem que problematiza justamente a invariância dos dados e a generalidade dos resultados. Conseqüentemente, nessa perspectiva, a noção de desenvolvimento não se apresenta como relevante, já que se busca mostrar o modo de instauração do sujeito na linguagem.

cia. Nesse sentido, enquanto algumas peças estão saindo, outras têm a *possibilidade de*. De fato, a língua com suas formas e mecanismos é possibilidade para *eu* e *tu* se enunciarem. Do mesmo modo, a enunciação é condição para a existência da linguagem, lugar de constituição dos sujeitos e da referência.

Essa noção de simultaneidade de elementos na língua-discurso explica duas questões que se impuseram em minha análise: a rejeição da escolha *a priori* de alguma unidade de análise (fonema, morfema etc.) ou de alguma classe (verbo, substantivo etc.) ou de algum nível de análise (morfologia, sintaxe etc.) e o esforço para não fazer uma descrição “fechada” do sentido.

A não escolha de alguma unidade ou mecanismo de análise *a priori* deve-se ao fato de que, na enunciação, todo fenômeno lingüístico está na dependência do sujeito que o enuncia e, por isso, todas as unidades de qualquer nível estão submetidas ao sentido: “o núcleo de qualquer teoria enunciativa é o sentido” (FLORES; KUHN, 2006). Nesse caso, o objeto de análise é qualquer mecanismo que se auto-referencia e adquire sentido no uso. Por isso, tenho deixado a enunciação da criança me interrogar. De fato, todo e qualquer fenômeno lingüístico de qualquer nível tem a potencialidade de estudo em uma perspectiva enunciativa, já que é a enunciação que lhes dá existência. Já o esforço para não “cercear” o sentido está relacionado a duas questões: 1) com o fato de que uma teoria enunciativa não está preocupada com *o que se diz*, mas com *o como se diz* e 2) com o fato de que no ato de enunciação não se leva em conta os sentidos das formas do enunciado nelas mesmas, mas se observa o estatuto dessas formas no processo enunciativo.

A partir dessas colocações, destaco três recortes enunciativos de Francisca, criança acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses, para evidenciar o modo como enunciativamente vai se constituindo em sujeito de linguagem.

### Recorte enunciativo 1

Participantes: FRA (informante Francisca); MÃE e CAR (tia, filmando).

Data da entrevista: 15-09-2001

Idade da criança: 0;11.10

Situação: FRA está em sua casa, com os familiares. A MÃE e CAR (tia e entrevistadora) dialogam com ela a maior parte do tempo.

Com: FRA começa a jogar alguns brinquedos longe. Depois engatinha até outro local com brinquedo, pronunciando alguns sons. Após volta para onde estava, no meio dos brinquedos, e começa a morder um cabo de raquete. Em seguida, a MÃE começa a cantar uma música, imitando o andar do cavalo.

MÃE: como é que faz o cavalo?

Com: FRA começa a se sacudir.

FRA: ah ah



Nesse recorte, a mãe faz uma solicitação à criança, solicitação essa que a criança realiza através de ações não-verbais e ações verbais (ah ah). Se observar esse dado com um olhar de uma linguista que apenas enxerga as formas da língua, tenho pouco a observar na fala da criança, já que não se percebem aí unidades em relação constituídas por oposição. No entanto, se observar o dado de uma perspectiva enunciativa, vejo que o recorte instancia linguagem (há sujeitos e referência) nessa relação porque a criança co-refere o enunciado que lhe é dirigido. A criança está na dependência do dizer do outro. É o adulto que fala, no sentido próprio da palavra. A criança, mesmo dependente desse outro, ocupa um lugar na estrutura enunciativa. Assim, o preenchimento de lugar na estrutura enunciativa se dá a partir do *tu*, na dependência do *tu*, em conjunção com o *tu*. O fato de ser dado à criança um lugar na estrutura da enunciação é, segundo meu ponto de vista, condição dela ir habitando a língua, que está depositada como um “tesouro” no outro da sua alocação. A criança precisa ocupar um lugar na estrutura da enunciação para que venha a enunciar. Esse lugar é, primeiramente, atribuído pelo outro. Se nenhuma palavra lhe é dirigida, é-lhe dificultado acesso a um lugar na estrutura da enunciação.

Logo, uma teoria enunciativa da aquisição da linguagem coloca como primeiro ponto a observar o complexo mecanismo de conjunção entre *eu* e *tu*, em que as figuras enunciativas inversíveis da alocação têm como característica maior estruturarem-se a partir das operações de antecipação de um lugar para a criança na enunciação. Tal antecipação contém respostas possíveis a ela. Mesmo que se considere que a operação de preenchimento de lugar enunciativo seja geral no ato de aquisição da linguagem, envolve os movimentos particulares de cada sujeito de aquisição da linguagem. Isso mostra a singularidade do modo como a criança preenche esse lugar de enunciação.

A observação do segundo recorte enunciativo, colocado abaixo, de um ponto de vista lingüístico *stricto sensu*, encaminhará o analista a perceber nele pouca diferença em relação ao anterior, já que em termos de língua a criança parece prender-se à mesma estrutura (ah ah). No entanto, ao se olhar o mesmo dado a partir de um ponto de vista enunciativo, quanta diferença nele pode ser observada.

### Recorte enunciativo 2

#### SESSÃO 4

Participantes: EDU (irmão de 6 anos); PAI; MÃE (filmando) e BET (irmão de 15 anos)

Data da entrevista: 27-12-2001

Idade da criança: 1;2.22

Situação: FRA está na frente de sua casa, sentada inicialmente com EDU e seu PAI.

- Em seguida, BET senta-se ao seu lado.
- Com: FRA e EDU brincam de assustarem-se dentro de casa. Por isso, ambos gritam. Após FRA engatinha até a área, onde estão seu PAI e sua MÃE.
- FRA: ah [= engatinhando e aproximando-se de EDU]
- EDU: AI [= pula como se estivesse assustado]
- MÃE: Francisca, assusta o Dudu, assusta.
- PAI: assim ó [= mostra como FRA deve assustar o irmão] ÆH [= faz o som de assustar] @ XXX @ XXX aqui ó [= pega braço de EDU] ó @ assusta o Dudu. @ ARRERR [= som para assustar]
- EDU: XXX
- Com: o irmão BET também senta na área, ao lado de FRA. Silêncio.
- FRA: AAH [= olha para BET e grita, assustando-o]
- BET: ÆAI [= cai para trás como se estivesse assustado]
- FRA: AAH [= olha para o PAI e grita, assustando-o]
- BET: [= riso]
- FRA: AHH [= olha para BET e grita, assustando-o]
- BET: ÆI [= vai pra trás como se estivesse assustado]
- FRA: [= risos] AH [= grita com BET, assustando-o]
- BET: ÆÆI [= encolhe-se, como se estivesse assustado]
- FRA: AH [= grita com o PAI, assustando-o]
- PAI: ai [= risos]
- FRA: AH [= grita com BET, assustando-o]
- BET: ai que susto!
- FRA: [= risos] @ AH [= grita com BET, assustando-o]
- BET: AI

A grande mudança operada aqui é que Francisca, de convocada pelo outro, passa a convocar o outro, percebendo o efeito que seu lugar de enunciação preenchido provoca sobre esse outro. O que é semelhante nesses recortes é o jogo intersubjetivo, em que a criança, pelo mesmo mecanismo em que se mostra alienada ao outro (recorte enunciativo 1), também “testa” mecanismos de separação (recorte enunciativo 2). Logo, a relação *eu-tu*, caracterizada pelo traço de pessoa comum a *eu* e *tu*, contém a relação *eu/tu*, caracterizada pelo traço pessoa subjetiva de *eu* em oposição à pessoa não-subjetiva de *tu*. Nesse caso, o conjunto *eu-tu* tem, pela temporalidade, a possibilidade de *inversibilidade* constante, já que *tu* pode inverter-se em *eu*, e *eu* pode tornar-se *tu*. Através dessa *inversibilidade*, mesmo unidos pela marca de pessoa, *eu* e *tu* opõem-se, constituindo a *disjunção eu/tu*. Nessa relação, as diferenças entre *eu* e *tu* configuram-se pelas características de *interioridade* (*eu* é *interior* ao enunciado e *exterior* a *tu*) e de *transcendência* (*eu* é sempre o responsável pela constituição do *tu* na alocação).

A presença da criança na linguagem é atestada nesses dois recortes através da operação de *preenchimento de lugar enunciativo*, constituída a partir das



díades *eu-tu* e *eu/tu*. No interior dessa operação, o que esses recortes mostram é a grande mudança que ocorre com Francisca: *a passagem do preenchimento de lugar enunciativo a partir do outro para o reconhecimento do efeito que esse lugar preenchido provoca no outro*.

Esse deslocamento, que parece ser de caráter geral, abarca os movimentos particulares de Francisca na estrutura enunciativa e a singularidade do modo como vai, pela enunciação, constituindo língua, conforme aponta o recorte enunciativo 3 a seguir, que mostra a criança atualizando referências no discurso:

### Recorte enunciativo 3

#### SESSÃO 15

- Participantes:** AVÓ; CLA (babá) e CAR (tia, filmando)  
**Data da entrevista:** 10-10-2002  
**Idade da criança:** 2;00.05  
**Situação:** FRA está na casa da AVÓ. No início, está na garagem com o gato, deitada na porta sobre um tapete. Após senta no piso da garagem, rodeada de brinquedos. Por último, vai para o quarto da tia.
- Com:** FRA está na garagem da casa da AVÓ, interagindo com CAR, CLA e a AVÓ.
- FRA:** vamu bincá?  
**CAR:** vamu @ de que nós vamu brincá?  
**FRA:** brincA  
**CAR:** fazê o quê?  
**FRA:** bincá XXX ó ó ó [= FRA alcança outro pote à tia]  
**CAR:** o que tu qué? Viu o miau tá durmindo ali  
**FRA:** quê?  
**CAR:** tu viu que o miau tá durmindo? O miau tá durmindu  
**Com:** FRA olha para o gato que continua a dormir sobre o tapete. Depois, olha pra boneca que deslizou para o chão, puxando-a para sentar.
- FRA:** caiu  
**CAR:** caiu, o nenê tá preguiçoso né?  
**FRA:** ah?  
**CAR:** o nenê só qué dormi  
**FRA:** é  
**CAR:** essi nenê!  
**Com:** FRA pega o nenê no colo  
**FRA:** soso, ai guíçoso  
**CAR:** é preguiçoso? [= risos]  
**FRA:** guíçoso  
**CAR:** porque ele é preguiçoso?  
**FRA:** XXX ai qué col  
**CAR:** hum? Qué cólu? [= risos]  
**FRA:** é

Considerando a estrutura da língua, vê-se, nesse recorte, a *forma* de uma unidade constituindo-se pela sua possibilidade de *dissociação* em constituintes de nível inferior, enquanto o *sentido* pela possibilidade de *integração* em uma unidade de nível superior. É justamente por estar na enunciação com o “outro” essa dupla capacidade da língua que a criança vai engendrando as formas para produzir referências no discurso, como vemos nas modificações das formas enunciativas “soso”, “guiçoso” do recorte enunciativo. Nesse caso, *forma* e *sentido* aparecem como propriedades conjuntas, necessárias, simultâneas e inseparáveis no funcionamento da língua. De fato, a criança relaciona *forma* e *sentido* e mostra pela enunciação sua instauração na natureza articulada da linguagem em todos os níveis lingüísticos.

É pelo sentido e pela referência que a frase torna-se analisável para o locutor, permitindo-lhe apreender o signo a partir do sentido constituído pelo emprego da palavra na frase. A frase é “criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação” (BENVENISTE, 1962/1995, p. 139). Como unidade do discurso, a frase tem no predicado sua propriedade fundamental, já que enunciar é “falar de”. Como afirma Lichtenberg (2006, p. 133), “para que a língua possa ser interpretada por quem a utiliza é necessário que ela signifique a situação enunciativa, um certo ‘mundo’ relativo a *eu-tu-aqui-agora* que se revela na frase.”

Essas questões me permitem pensar com Benveniste (1966/1995, p. 140) que “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”. A passagem que se processa no ato de aquisição da linguagem de Francisca evidenciada nesse recorte pode ser resumida da seguinte maneira: 1) passagem da forma enunciativa à forma da língua, em que entra em jogo a natureza relacional entre *forma* e *sentido* e 2) a sintagmatização das unidades no discurso, que põe em cena as relações de *dissociação* e *integração* das unidades em todos os níveis lingüísticos. Sem dúvida, nessa operação, que nomeio como *de referência*, encontram-se questões primordiais para aquisição da linguagem com mecanismos bastante complexos de que esse recorte dá uma pequena amostra.

#### 4. CONCLUSÃO

Preenchendo um lugar na enunciação, a criança mergulha na estrutura da língua, na qual está imersa desde sempre. E, para preencher esse lugar, importa ser significada como um sujeito de fala e ser-lhe dado espaço para se enunciar. A partir desse lugar enunciativo, cada locutor constitui sua história de enunciações, por meio da qual se instaura na língua materna e no sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de linguagem. A criança, considerada como *eu*, desloca-se em uma estrutura



enunciativa, que comporta o *tu* (outro), o *ele* (língua) e o *ELE* (cultura), sendo constituída pela língua-discurso ao mesmo tempo em que a constitui. Considerar a expressão *língua-discurso* implica pensar as regularidades do sistema lingüístico no quadro da singularidade da enunciação. O ato de aquisição da linguagem possibilita à criança movimentar-se da enunciação para a língua e da língua para enunciação.

### BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *As palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BENVENISTE, Émile (1966). *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- CAREL, Marion. Argumentação interna aos enunciados. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, vol. 37, n. 3, p.27-43, set. 2002.
- \_\_\_\_\_. L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 32, n 1, p. 23-40, mar. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pourtant: Argumentation by exception*. *Journal of Pragmatics* 24, p.167-188, 1995.
- \_\_\_\_\_. Predication et Argumentation. *Fórum lingüístico*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis: Imprensa Universitária, v. 1, p.1-17, jun/dez 1998.
- DUCROT, Oswald. (1984). *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. Les modificateurs déréalisants. *Journal of Pragmatics* 24, p.145-165, 1995.
- \_\_\_\_\_. Os internalizadores. Tradução Leci Barbisan. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n° 129, p.7-26, set. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1997). A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Vol. 40, n. 1, p. 9-21, março de 2005.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FLORES, Valdir do N. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento; KUHN, Tanara Zingano. Sobre a forma e o sentido na linguagem: enunciação e aspectos metodológicos de estudo da fala sintomática. In: *7º Encontro nacional de aquisição de linguagem - ENAL*, 2006, Porto Alegre/RS. Livro de Resumos do 7º Encontro nacional de aquisição da linguagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. v. 1. p. 69-70.

- KARNOOUIH-VERTICALIER, Martine. Évolution du fonctionnement syntaxique et variantes énonciatives: Observation d'interactions langagières entre adult et enfant au cours d'activités de narration. *Langue Française*. Mai 1998.
- LACAN, Jacques (1966). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LICHTENBERG, Sônia. *Sintaxe da enunciação: noção mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Tese de doutorado).
- NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sérgio Lopes; PARLATO, Érika Maria; RABELLO, Silvana (Orgs.). *O falar da linguagem*. Editora Lovise, 1996. (Série Linguagem).
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Tese de doutorado)
- \_\_\_\_\_. Argumentação e aquisição: o que revelam os "dizeres" da criança sobre essa relação? *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 129, p. 193-205, set.2002.
- \_\_\_\_\_. O desenvolvimento da figura enunciativa de locutor em narrativas infantis. In: INDURSKY Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Orgs.). *Discurso, Memória e Identidade*. Porto Alegre: Sagra, p.287-295, 2000.
- \_\_\_\_\_. A fala da criança sob um olhar enunciativo. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 39, n. 4. p.209-216, dez. 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Polifonia no discurso narrativo infantil*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. (Dissertação de Mestrado.)
- \_\_\_\_\_. Os princípios argumentativos subjacentes à polifonia da fala infantil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 126, p.97-126, dez. 2001.